



Universidade Eduardo Mondlane
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL
CURSO DE ENGENHARIA AGRONOMICA



Projecto Final

Tema:

Integração Regional e Importação de Hortícolas nos distritos de Boane e Moamba



Autor: Filimão Alves Mutemba

Supervisor: Doutor Eng. Luís Artur

Maputo, Setembro 2011

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família e amigos em particular para a minha esposa Amélia, os meus filhos Derson, Lígio e Alvin, que os tive ao longo deste percurso (licenciatura) e estes me proporcionando o melhor ambiente para os estudos, não deixo de lado o mano Félix Moia que contribuiu bastante dispensando a cama em algumas noites para estudarmos.

Agradecimentos

Agradeço de uma maneira especial a Deus e aos meus pais Álvaro Capitine e Henriqueta Macaringue que me trouxeram ao mundo, aos meus docentes pelo acompanhamento durante esta longa caminhada e na realização deste trabalho especialmente para o Dr. Luís Artur que esteve sempre disponível para atender as minhas preocupações e ainda das chamadas telefónicas mesmos em mensagens sem esperar que eu lhe procurasse, é um grande exemplo Dr.

Agradeço em especial para a minha esposa Amélia, meus filhos Derson, Lígio e Alvin pelo apoio moral e força que sempre me dedicaram e conto sempre com eles para os futuros desafios, Ao pessoal dos Serviços Distritais de Actividades Económicas de Moamba, em especial ao extensionista Chavango, ao pessoal dos Serviços Distritais de Actividades Económicas de Boane, em especial aos extensionista Moiana, ao Jairoce, Paia, Ndeve e a todos colegas e amigos que directa ou indirectamente contribuíram para a realização deste sonho, a todos o meu muito obrigado.

Índice

Dedicatória.....	i
Agradecimentos.....	ii
Índice.....	iii
Lista de Figuras.....	v
Lista de Tabelas.....	vi
Lista de Abreviaturas.....	vii
Resumo.....	viii
1.	
Introdução.....	Err
or! Bookmark not defined.	
1.1 Antecedentes.....	1
1.2 Problema de estudo e justificação.....	2
1.3 Objectivos do trabalho.....	3
1.3.1 Objectivo Geral:.....	3
1.3.2 Objectivos Específicos:.....	3
2. Revisão bibliográfica.....	4
2.1. Zona de Comércio Livre (ZCL).....	4
2.2 Características do sector agrícola Moçambicano.....	5
2.3 Características do Mercado dos produtos agrícolas em Moçambique.....	5
2.4 Características do sector familiar e privado em Moçambique.....	6
2.5 Produção e comercialização de hortícolas.....	7
2.5.1 Produção de hortícolas.....	7
4.2. Hortícolas produzidas nos distritos de Moamba e Boane.....	8
4.2.1. Tomate.....	8
4.2.2. Cebola.....	9
4.2.3. O repolho.....	10
	iii

4.2.4. A batata reno	11
2.5.2 Comercialização de hortícolas	11
3. Matérias e Métodos.....	14
3.1 Descrição da área de estudo	14
3.2.2. Colecta dos dados.....	17
3.2.3. Análise dos resultados.....	18
4. Resultados e Discussão.....	20
4.1. Produção de hortícolas.....	20
4.1.1. Características dos produtores	20
4.1.2. Associação de produtores.....	20
4.1.3. Hortícolas produzidas nos Distritos de Moamba e Boane	21
4.1.4. Área ocupada por categoria de produtores.....	22
4.1.5. Uso de insumos de produção	23
4.3. Comercialização de hortícolas pelos produtores.....	24
4.4. Integração no mercado regional.....	25
4.4.1. Conhecimento da ZCL	25
4.4.2. Competição com as hortícolas da África do Sul	26
4.4.3. Período de competição das hortícolas nacionais em relação às da África do Sul.....	26
4.4.4. Constrangimentos na produção e comercialização das hortícolas	27
4.4.5. Benefícios na produção e comercialização das hortícolas após a introdução da ZCL	28
4.5. Importação de hortícolas.....	28
5. Conclusões.....	31
6. Recomendações.....	32
7. Bibliografia consultada.....	33

Lista de Figuras

Figura 1. Região do distrito de Moamba

Figura 2. Região do distrito de Boane

Gráfico N° 1. Distribuição de produtores por categorias

Gráfico N° 2. Distribuição percentual das hortícolas

Gráfico N° 3. Evolução das quantidades de hortícolas (10^3 toneladas) importadas e produzidas em Moamba e Boane

Lista de Tabelas

Tabela 1. Número de Explorações ocupadas por hortícolas registados em 2009-2010 no País

Tabela 2. Produção de tomate (toneladas) registado em Moamba e Boane

Tabela 3. Produção de Cebola (toneladas) registado em Moamba e Boane

Tabela 4. Produção de Repolho (toneladas) registado em Moamba e Boane

Tabela 5. Produção de Batata (toneladas) registado em Moamba e Boane

Tabela 6. Número de produtores entrevistados por categoria de produtores nos distritos

Tabela 7. Total de produtores (%) associados por categoria de produtores por e distrito

Tabela 8. Percentagem de Área ocupada por sector de produção por distrito

Tabela 9. Percentagem de produtores que usam insumos por categoria de produtores

Tabela 10. Defensivos aplicados por sector de produção

Tabela 11. Intervenientes na cadeia de comercialização por categoria de produtores

Tabela 12. Produtores que já ouviram falarem da ZCL por categoria de produtores por distrito

Tabela 13. Produtores que acham que as hortícolas nacionais competem com as importadas

Tabela 14. Período de competição das hortícolas por categoria de produtores

Tabela 15. Total de produtores por secção de importadores

Tabela 16. Volume médio de hortícolas importadas do ano 2006-2010

Lista de Abreviaturas

ATM- Autoridade Tributaria de Moçambique

CAP- Censo Agro-pecuário

FAEF- Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal

ha - Hectare

Ha- hipótese Alternativa

Ho- Hipótese Nula

IIAM- Instituto de Investigação Agrária de Moçambique

INE- Instituto Nacional de Estatística

Km - kilómetros

MINAG- Ministério de Agricultura

mm - Milímetros

PAMA - Programa de Apoio a Mercados Agrícolas

PC-SADC- Protocolo Comercial da SADC

ROSA - Rede das Organizações para a Soberania Alimentar

RSA- Republica Sul-africana

SADC - Comunidade de Desenvolvimento da África Austral

SDAE- Serviços Distritais das Actividades Económicas

SPSS- Statistic packet for science social

UDA -Unidade de Direcção Agrícola

USAID- United States Agency for International Development

ZCL - Zona de Comercio Livre

Resumo

Para permitir maior troca comercial entre os países membros, a SADC decidiu implementar a Zona de Comércio Livre (ZCL) a partir de 1 de Janeiro de 2008. Com a livre circulação, vários segmentos sociais em Moçambique, sobretudo produtores de hortícolas, receiam que a mesma irá torná-los mais frágeis, e deste modo, não puderem conquistar o mercado.

Com o objectivo de conhecer os impactos da ZCL na produção de hortícolas nos distritos de Moamba e Boane fez-se entrevista semi-estrutura a 58 produtores de hortícolas sendo 47 pequenos e 11 Médios, e a 15 importadores de hortícolas. Fez-se ainda, consultas a estatísticas de importação de hortícolas na Autoridade Tributária de Moçambique (ATM), a estatísticas de produção de hortícolas nos distritos de Moamba e Boane, nos períodos de Abril a Junho do corrente ano. Para a análise dos resultados usou-se o pacote estatístico SPSS e o teste de Qui-quadrado a nível de significância de 5%.

Os resultados mostram que o tomate é a hortícola mais produzida com um total de 84% de produtores, seguida da cebola e repolho produzidos por 71% dos produtores. A cenoura é a menos produzida, com apenas 7%, seguida de alface e couve com 19% e 21% de produtores, respectivamente. O médio produtor tem mais probabilidade de uso de maquinaria e semente certificada e de ter conhecimento da ZCL do que o Pequeno produtor enquanto o uso de defensivos e a localização do produtor quer seja em Moamba ou Boane é independente do facto de ser pequeno ou médio produtor. De 2006 a 2008 houve uma redução na importação de hortícolas de 54 para 33 mil toneladas e um aumento de produção de 15.97 para 31.48 mil toneladas no distrito de Moamba e, de 13.44 para 16.66 mil toneladas no distrito de Boane. De 2008 a 2010, o volume de importação aumentou de 33 para 40.5 mil toneladas e, verificou-se igualmente um aumento de produção de hortícolas de 31.48 para 59.07 mil toneladas no distrito de Moamba e, de 16.66 para 19.91 mil toneladas no distrito de Boane. Isto significa que a introdução da ZCL não teve impactos negativos na produção de hortícolas nos distritos de Moamba e Boane

1. Introdução

1.1 Antecedentes

A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) é um bloco económico formado por catorze (14) países da África Austral, que são a África do Sul, Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Maurícias, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe. Esta comunidade surgiu em 1992 a partir da transformação da antiga criação da Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC) criada em 1980. Na altura, a SADC era constituída por apenas nove (9) nações (Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Suazilândia, República Unida da Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe).

Actualmente, com catorze (14) países membros, a SADC totaliza um PIB de cerca de 226 bilhões de dólares e uma população de 210 milhões de habitantes. O objectivo da SADC é estabelecer o crescimento das economias dos países membros e, conseqüentemente, o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida dos seus povos (SADC, 2003).

Para permitir maior troca comercial entre os países membros, a SADC decidiu implementar a Zona de Comércio Livre (ZCL) a partir de 1 de Janeiro de 2008. No âmbito da ZCL, os estados membros da SADC liberalizaram o comércio através do desmantelamento das barreiras tarifárias e não tarifárias. A ZCL inclui, igualmente, medidas que visam directamente, a facilitação do comércio, reduzindo as dificuldades burocráticas e a documentação necessária nas fronteiras, proporcionando um enquadramento que melhorará a circulação de mercadorias em toda a região (SADC, 2008).

Os países da SADC são caracterizados por uma diversidade de riquezas naturais, de prioridades do desenvolvimento, de estruturas de produção, de padrões do comércio, na alocação de recursos e nas afiliações internacionais. À excepção da África do Sul, as restantes economias dos países membros da SADC, tomadas individualmente, são tão pequenas que têm um papel periférico na economia mundial. Neste contexto, o processo de integração económica regional exige dos países membros a adopção de medidas de liberalização económica que propiciem a convergência económica a longo prazo (Chichava /sd).

1.2 Problema de estudo e justificação

Nos últimos anos tem se verificado no mundo, em geral, e Moçambique em particular, um aumento constante da produção das hortícolas. Este aumento deve se à maior procura das mesmas para o consumo a fresco, em produtos industriais e outras (Ribeiro e Rulkens, 1999).

De acordo com Francisco *et al* (1987), a província de Maputo foi considerada uma das maiores produtoras de hortícolas. Mesmo assim, é nesta província que se regista o maior fluxo de entrada de hortícolas provenientes dos países vizinhos, 100% da batata, 80% cebola e 60% doutras hortícolas (PAMA, 2004). Isto, possivelmente, deve se a sua extensa fronteira com países que são grandes produtores de culturas hortícolas, a baixa produtividade dos factores de produção, a não utilização dos recursos disponíveis e a incapacidade dos agricultores na aquisição dos factores de produção, o que faz com que os níveis de produção sejam baixos (Francisco *et al* 1987).

Com a livre circulação, vários segmentos sociais em Moçambique, sobretudo produtores de hortícolas, os vendedores e transportadores receiam que a mesma irá torná-los mais frágeis, e deste modo, não puderem conquistar o mercado. Este receio, deve-se ao facto de a África do Sul ser um poderoso produtor agrícola da região, com custos de produção relativamente mais baixos que os dos produtores nacionais. Alguns receiam que haverá uma limitação de compra dos seus produtos uma vez produzidos a altos custos e, assim, não poderão competir na região, e consequentemente irão abandonar a agricultura. Ao fazerem isso receia-se que colocarão suas terras a favor dos produtores com capital financeiro a nível da região, tornando-se, assim, empregados ou, mesmo, desempregados e com cada vez menos acesso aos alimentos; e finalmente, uma vez sem factores de produção, os recursos como (terra e capital) irão gradualmente perder a sua soberania territorial e consequentemente a alimentar (ROSA, 2008).

O presente trabalho pretende contribuir para uma melhor compreensão da situação dos produtores de hortícolas nos distritos de Boane e Moamba, dos importadores de hortícolas que abastecem os mercados da cidade de Maputo, identificando como reagem à introdução da zona de comércio livre ao nível do nosso País.

1.3 Objectivos do trabalho

1.3.1 Objectivo Geral:

Avaliar os impactos da introdução da Zona de Comercio Livre, na produção e comercialização de hortícolas nos distritos de Boane e Moamba.

1.3.2 Objectivos Específicos:

- ✓ Identificar as principais hortícolas produzidas e comercializadas pelos pequenos e médios produtores;
- ✓ Descrever a produção e comercialização de hortícolas pelos pequenos e médios produtores;
- ✓ Conhecer as quantidades de hortícolas importadas 3 anos antes e 3 anos depois da introdução da ZCL em Janeiro de 2008;
- ✓ Identificar os impactos positivos e negativos da introdução da ZCL
 - 1) Na perspectiva dos pequenos produtores
 - 2) Na perspectiva dos médios produtores
 - 3) Na perspectiva dos importadores

2. Revisão bibliográfica

2.1 Zona de Comércio Livre (ZCL)

A SADC definiu como primeira fase do processo de integração regional a criação de uma zona de comércio livre em 2008. A ZCL define-se como sendo uma área em que dois ou mais estados membros acordam em transaccionar bens e serviços livres de direitos aduaneiros ou tarifas, bem como de outras barreiras ao comércio, constituindo assim um passo rumo à integração económica mais profunda (SADC, 2008).

Tendo em conta a importância dos produtos importados na receita nacional, no emprego e na estabilidade das empresas e indústrias emergentes foram adoptadas para Moçambique 4 categorias a saber:

1. Categoria A ou “produtos para liberalização imediata” – designa as posições pautais que, no início do período de implementação, deviam passar para a tarifa zero. Esta categoria abrange, essencialmente, bens de capital e equipamento tais como, semente de algumas culturas, o caso da batata-reno, da cebola e feijões, bem como arbustos de frutos enxertados ou não, que compreendem cerca de 47% das mercadorias comercializadas.
2. Categoria B ou “produtos para liberalização gradual” – designa as posições pautais de produtos que deveriam ser liberalizadas gradualmente a partir de 2008 e que constituem a maior fonte de receitas alfandegárias. Nesta categoria encontram-se produtos agrícolas como feijões (*Vigna spp.* e *Phaseolum spp.*).
3. Categoria C ou “produtos sensíveis” – designa as posições pautais que, pela sua importância para o país em causa, requerem tratamento especial e que poderiam constar de um calendário excepcional de desarmamento que transcendesse 2008 (até 2012). É o caso dos produtos agrícolas como tomate, cebola, alface, etc.
4. Categoria E ou “produtos de exclusão” — designa as posições pautais que, por se regerem por convenções internacionais, são excluídas do processo de implementação do protocolo comercial da SADC (PC-SADC), como é o caso do marfim em pó, bem como os seus desperdícios.

2.2 Características do sector agrário Moçambicano

O sector agrário moçambicano é constituído, essencialmente, pelo sector familiar, o que contrasta com a estrutura dualista que apresentam outros países (Siteo, 2005). Esta falta de dualismo cria algumas dificuldades, mas também, apresenta uma oportunidade de promoção de uma estratégia de crescimento a favor dos menos favorecidos, enfatizando a necessidade de transformação do sector familiar.

O maior potencial agrário do país não é ainda devidamente explorado. Além das infra-estruturas, há características e dinâmicas sociais e económicas que constringem ou impulsionam a capacidade de aproveitamento e desenvolvimento do potencial agrário. Segundo Siteo (2005), os elementos de dinâmica que devem ser considerados na análise do sector agrário em Moçambique incluem:

- ✓ O baixo uso de tecnologias melhoradas, incluindo sementes fertilizantes e pesticidas;
- ✓ As desigualdades no acesso e utilização da terra;
- ✓ A fraca concentração de infra-estruturas de rega nas zonas prioritárias;
- ✓ O fraco acesso aos mercados de insumos e factores;
- ✓ O fraco apoio financeiro aos produtores;
- ✓ A dispersão geográfica das zonas de produção de acordo com as zonas agro-ecológicas definidas, o que constitui um factor importante na definição de estratégias diferenciadas;
- ✓ Os baixos volumes de produção por indivíduo, o que requer uma função de acumulação que pode ser aproveitada através das associações de produtores

2.3 Características do Mercado dos produtos agrários em Moçambique

Mercado é o sistema através do qual consumidores e vendedores negociam para determinarem os preços e as quantidades de uma mercadoria (Samuelson, 1999). De acordo com este autor, o mercado pode ser centralizado, como o de títulos, ou descentralizado, o caso de habitação ou de trabalho.

De um modo geral, a produção agrícola em Moçambique tem como principais características o grande número de unidades de produção a sazonalidade da produção agrícola (refere-se a variação na produção ao longo dos meses do ano) fazendo com que a produção e a oferta concentrem-se em determinados meses do ano, afectando deste modo os preços recebidos pelos produtores, os custos de transporte, armazenagem e processamento (Mucavele).

Pela sua natureza biológica, o mercado de produtos agrários é de difícil previsão por causa dos factores incontroláveis, como o clima, ou pouco controláveis, como por exemplo, pragas e doenças.

2.4 Características do sector familiar e privado em Moçambique

No sector familiar o agregado é a unidade de produção e de consumo. Os produtores usam uma tecnologia simples e o trabalho é manual (enxada, catana, machado e outros), as vezes a tracção animal. Para certas actividades usam pouco ou nenhum insumo, que deve ser comprado, como fertilizantes, pesticidas, sementes melhoradas. Os produtores dispõem de recursos financeiros muito limitados e a maior parte da produção de hortícolas é normalmente destinada ao auto-sustento (Mucavele, 1989).

No sector privado, o complexo de produção não é constituído apenas pelo agregado familiar, pois há contratação de mão-de-obra, quer em regime sazonal quer em regime permanente. Há maior uso de tecnologia moderna, onde o trabalho envolve uso de maquinaria particularmente nas operações de lavoura e gradagem. Há maior utilização de insumos, como sementes melhoradas, pesticidas e adubos. O tamanho da exploração é relativamente maior, se comparado com o sector familiar e, o sistema visa fundamentalmente fornecer o mercado, e envolve poucas actividades económicas (culturas de rendimento e criação de animais domésticos), quer dizer, há maior especialização das suas actividades (Mucavele, 1989).

Carrilho *et al*, (s/d) apresenta a seguinte classificação: Sector privado é sector empresarial agrícola ou sector de grande escala, com áreas maiores de 10 hectares e é orientado para o mercado. Agricultura familiar comercial: agricultura familiar com forte e regular interacção com o mercado e uso mais frequente e regular de mão-de-obra remunerada.

Uma outra categorização é dada por FAEF (2001) citado por Ibraimo (2005), esta classificação leva em consideração o tamanho das áreas e agrupa em 3 categorias:

- Pequenos agricultores, são aqueles que exploram 0,25-3 ha;
- Médios agricultores, exploram áreas de 3 a 20 ha;
- Grandes agricultores, exploram mais de 20 ha.

2.5 Produção e comercialização de hortícolas

2.5.1 Produção de hortícolas

As hortícolas são mais adaptadas em ambientes frescos e húmidos. No mundo a sua produção representa 20% do total da produção agrícola. Sua produção comercial é estimada em mais de 15 biliões de dólares. Pelo seu alto valor comercial, que alcançam no mercado, são uma exploração bastante compensadora (Almeida, 2006).

O uso de técnicas agronómicas modernas, como a introdução de novas variedades de hortícolas, aliada à observância das épocas mais adequadas de plantação, combate as doenças e pragas, possibilita aos camponeses, a obtenção de altos rendimentos (Baas, 2007).

Tabela 1. Número de Explorações ocupadas por hortícolas registados em 2009-2010 no País

Cultura	Alface	Batata	Cebola	Cenoura	Couve	Pepino	Repolho	Tomate
Nº de explorações	59.922	58.039	115.026	10.620	179.702	39.930	40.125	270.967

Fonte: MINAG, (2010)

2.5.1.1 Irrigação

A irrigação é fundamental para satisfazer a grande necessidade de água, para a maioria das espécies hortícolas, mesmo em períodos ou regiões onde ocorrem os melhores regimes de distribuição de precipitação. Em geral, a quantidade de água a aplicar por cada rega, deve ser o suficiente para manter a humidade do solo até a profundidade de 20 a 25 cm, onde se concentra a maioria das raízes. O excesso favorece a erosão e a lixiviação dos nutrientes. A falta de água prejudica o crescimento e a qualidade dos produtos, podendo acelerar o processo de maturação, (Oliveira, 1979).

Em Moçambique, a província de Maputo é a que possui maior número de sistemas de regadio ao nível do país. Estes sistemas incluem os regadios dos distritos de Boane, Moamba, Magude, e Manhiça com um elevado potencial para produção de diversas culturas incluindo as hortícolas (INE, 2007).

2.5.1.2 Pragas e doenças

Segundo Baas, (2007) umas das principais causas das perdas nas hortícolas é a ocorrência de pragas e doenças. Para o controlo das doenças recomenda-se a aplicação preventiva e para o controlo das pragas deve-se usar insecticidas, caso os níveis de infestação justifiquem o seu controlo.

As doenças mais comuns nas hortaliças são causadas por fungos, bactérias e vírus, o seu controlo deve ser feito eliminando-se as partes atacadas ou a planta toda. No caso de virose, deve-se eliminar todas as plantas atacadas e combater os insectos vectores. No entanto, um mau desenvolvimento das plantas, amarelecimento das folhas, murcha e morte das plantas, podem ser causados por deficiência nutricional e que são confundidas com sintomas de doenças. Mas também, a falta ou excesso de água ou excesso de calor ou frio podem ser responsáveis por esses sintomas (Ribeiro & Rulkens, 1999).

2.5.1.3 Adubação

A adubação de hortaliças deve ser feita visando suprir, praticamente, todas as necessidades nutricionais da planta pelo menos em macro nutrientes e esta pode ser mineral ou orgânica.

Adubação mineral

Em síntese, a regra de utilização é de 150 a 250g da fórmula 4-14-8 ou 4-16-8 por m². Deve-se considerar as exigências nutricionais das espécies, os grandes espaçamentos, a duração do clima, o nível de produtividade esperado e as indicações de real estado de fertilizante do solo (Oliveira, 1979).

Adubação orgânica

O adubo orgânico é de maior importância para o cultivo das hortícolas pelo fornecimento de nutrientes, embora na maioria dos casos seja pobre e pela melhoria das condições físicas do solo. A matéria orgânica torna o solo muito solto mas ligado, conferindo-lhe maior capacidade de retenção de água e nutriente. O adubo orgânico, também melhora a vida macro biológica do solo, favorecendo a sobrevivência de minhocas, fungos e bactérias benéficas (Oliveira, 1979).

4.2. Hortícolas produzidas nos distritos de Moamba e Boane

4.2.1. Tomate

O tomate (*Lycopersicon esculentum*) é originário da América do Sul e é uma planta de estação fresca. Contém quantidades consideráveis de vitaminas A e C. É uma das mais importantes hortícolas do mundo, pois tem se verificado um aumento generalizado da sua produção, devido as

suas várias utilizações, tais como o consumo fresco, indústria e como produto secundário é extraído o óleo das suas sementes (Ribeiro & Rulkens, 1999).

Em Moçambique há uma preferência para variedades de tomate com baixo teor de água, porque este pode ser armazenado por períodos muito longos (Ribeiro & Rulkens, 1999). A sua sementeira é feita nos meses de Fevereiro a Agosto, para o consumo directo devido a fraca ocorrência de pragas e doenças. O ciclo da cultura varia de 89 a 99 dias, dependendo da variedade.

Tabela 2. Produção de tomate (toneladas) registado em Moamba e Boane

Distrito\Ano	2006	2007	2008	2009	2010
Moamba	7.267,5	8.550,0	14.250,0	2.035,0	30.525,0
Boane	2.817	2.016	89,30	138,4	1.308,0

Fonte: SDAE Moamba e Boane, 2011

4.2.2 Cebola

A cebola (*Allium cepa L.*) teve origem no centro da Ásia, sendo difundida para os países do ocidente e de seguida para África. É a terceira hortaliça mais produzida no mundo. A produção mundial em 2002 foi de 50 milhões de toneladas, em 2,9 milhões de ha (produtividade média de 17 t/ha). A planta é herbácea, anual para produção de bolbos (150 a 220 dias da sementeira a colheita) e bianual para produção de sementes (130-180 dias).

A cebola (*Allium cepa L.*) é uma planta anual para produção de bolbos e bienal para a produção de sementes e cresce bem na estação fria e é tolerante à seca.

Em Moçambique, a sementeira é feita entre os meses de Março a Abril. Quando feita na época chuvosa e muito quente é prejudicial, por causa das perdas de semente devido ao excesso de humidade no solo que é prejudicial na formação do bolbo. O ciclo da cultura varia entre 110 a 130 dias.

Tabela 3. Produção de Cebola (toneladas) registado em Moamba e Boane

Distrito\Ano	2006	2007	2008	2009	2010
Moamba	367,2	432,0	720,0	3.200,0	4.800,0
Boane	443,0	2.407,0	694,0	1.075,7	1.156,0

Fonte: SDAE Moamba e Boane, 2011

4.2.3 O repolho

O repolho (*Brassica oleracea* var. capitata) procede do Sul e Costa Ocidental da Europa. A produção anual mundial é de cerca de 22 milhões de toneladas de cabeças frescas (Almeida, 2006).

Para alcançar uma boa produção, a cultura exige clima frio e húmido e um período de crescimento de 120 a 140 dias. As necessidades hídricas variam de 380 a 500mm, dependendo do clima e da duração do período de crescimento (Almeida, 2006).

Geralmente, os solos francos são mais apropriados para a produção de repolho. Em condições de chuvas abundantes, são preferíveis os solos arenosos ou franco arenosos devido às melhores condições de drenagem. As necessidades de fertilizantes são elevadas: de 100 a 150 kg/ha de N, de 50 a 65 kg/ha de P e de 100 a 130 kg/ha de K (UDA, 1982).

Em Moçambique a sementeira é feita nos meses de Março a Agosto (UDA, 1982). Dependendo do clima do desenvolvimento da cultura e do tipo de solo, a frequência de irrigação varia entre 3 a 12 dias. Caso a disponibilidade de água seja limitada, não podem ser utilizados os métodos de irrigação por sulcos, aspersão ou gotejamento.

Em condições de sequeiro, são comuns rendimentos de 25 a 35 t/ha de cabeças frescas, com um máximo em torno de 50 t/ha quando os campos são pulverizados e bem adubados.

Em condições climáticas ideais e sobre manejo adequado de irrigação e de cultivo, os rendimentos podem atingir até 85 t/há (Almeida, 2006).

A cultura apresenta altos teores de vitaminas B e C, cálcio e fósforo. Quando o suprimento de água é limitado, particularmente durante o estágio final do período de crescimento, são produzidas cabeças pequenas de qualidade inferior (Almeida, 2006).

Tabela 4. Produção de Repolho (toneladas) registado em Moamba e Boane

Distrito\Ano	2006	2007	2008	2009	2010
Moamba	5.213	6.445	12.344	10.321	14.289
Boane	4.131	2.194	4.107	3.421	6.128

Fonte: SDAE Moamba e Boane, 2011

4.2.4 A batata reno

A batata reno (*Solanum tuberosum* L.), é nativa dos Andes, onde já era conhecida há 8000 anos pelas populações nativas. Foi levada à Europa pelos colonizadores por volta de 1570. A cultura de batata reno situa-se entre os quatro mais importantes para a produção de alimentos no mundo, depois de do trigo, arroz e milho.

Em Moçambique a cultura da batata reno é feita para o consumo humano e é cultivada em consociação com milho e feijão vulgar, e em monocultura entre os meses de Novembro e Abril (IIAM, 2006). A sua propagação tem sido de forma vegetativa o que condiciona a alta susceptibilidade de transmissão de pragas e doenças a partir do tubérculo semente.

O efeito dos nutrientes na produtividade da batata manifesta-se essencialmente através do efeito no tamanho e duração da fase vegetativa. Na determinação do momento da tuberização, deve procurar-se um compromisso entre a obtenção de maior período de crescimento do tubérculo que é fornecida por uma fertilização adequada e a manutenção de uma superfície foliar adequada durante o seu crescimento. O ciclo da cultura varia entre 70-150 dias. Possui uma necessidade hídrica de 500-700 mm com uma produtividade que varia de 40-50 t/ha (Almeida, 2006).

Tabela 5. Produção de Batata (toneladas) registado em Moamba e Boane

Distrito\Ano	2006	2007	2008	2009	2010
Moamba	1.759,3	2.069,7	3.449,5	4.930,0	7.395,0
Boane	1.472,0	1.492,0	6.940,0	1.580,0	4.213,0

Fonte: SDAE Moamba e Boane, 2011

2.5.2 Comercialização de hortícolas

Os produtores de hortícolas, no geral preocupam-se na maior parte do tempo, com os aspectos relacionados à produção (escolha das espécies e cultivares, sementeira, irrigação, controle fitossanitário etc.), visando obter o máximo de produtividade. No momento da colheita, todo o esforço dedicado à produção pode tornar-se um pesadelo, por conta da inabilidade ou inaptidão de muitos em comercializar sua mercadoria (Henz, 2004)

As hortícolas apresentam uma maior perecibilidade, comparadas a outros produtos agrícolas e, portanto, devem ser encaminhadas rapidamente ao consumidor ou perdem o seu valor nutricional e ou comercial. A perecibilidade dos produtos pode aumentar os custos de transporte e de armazenamento, uma vez que há uma necessidade de usar sistemas mais apropriados para o

transporte e conservação, como é caso de uso de sistemas de refrigeração (Ribeiro & Rulkens, 1999).

A comercialização de hortícolas é uma actividade muito importante e, por conseguinte, deve ser bem planeada para dar melhores rendimentos. Contudo, se não for efectuada adequadamente, pode dar origem a grandes perdas. Assim sendo, deve se adoptar os melhores métodos de comercialização para obter rendimentos das actividades comerciais (Henz, 2004)

A Cidade de Maputo é o centro de todas as actividades económicas da província e, é o mercado principal, tanto de produtos como de insumos agrícolas. Há muito poucos comerciantes formais que operam na província e os produtores rurais tendem a estabelecer ligações directas com os mercados. O mercado Sul-africano tem um papel importante nas actividades agrícolas dos distritos, tanto em termos de competição pelos principais mercados em Maputo, como no aprovisionamento em insumos aos produtores que deles possam necessitar (PAMA, 2004).

2.5.2.1 Escolha do momento de venda de produtos hortícolas

O momento da venda depende de dois factores importantes a serem considerados pelo agricultor, o primeiro factor refere-se ao momento mais oportuno de venda, a fim de ganhar a maior quantidade de dinheiro possível, isto é, geralmente quando os preços são altos. O segundo factor refere-se à redução de riscos, visto que, geralmente os preços das hortícolas seguem um padrão regular. Além disso, a natureza do produto e a sua dificuldade de armazenamento não permitem muita autonomia para tomar decisões em relação a escolha do momento oportuno, a não ser que o produto seja processado. Isto pode implicar o risco do agricultor ter que vender o seu produto na época da colheita, conseqüentemente, aplicar preços baixos. Recomenda-se que os agricultores procurem obter o melhor preço possível dos compradores potenciais, como sejam por exemplo, exportadores, processadores, etc. Como isto pode implicar muitas negociações, recomenda-se levá-las a cabo com suficiente antecipação à altura dos produtos estarem prontos para serem colhidos (Henz, 2004)

2.5.2.2 Importância de criação de Associações de produtores

Às vezes os agricultores juntam-se em cooperativas ou em associações informais, por exemplo em grupos de comercialização ou de produção. Para os pequenos agricultores a conjugação de recursos pode ser muito vantajosa. Com base no tamanho da associação, os bancos estarão dispostos a conceder empréstimos de maiores quantias de dinheiro do que quando se trata de empréstimos a membros individuais da associação.

As associações podem, também, ter vantagens durante a compra de matérias-primas. Maiores quantidades de matérias-primas são compradas de uma só vez dentro do grupo, por exemplo, insumos para produção de hortícolas nestes casos os preços podem ser mais baixos. As associações podem também, dar aos produtores, uma melhor posição negociadora frente a comerciantes rurais, processadores, grossistas e retalhistas. Para além disso, as associações são capazes de recolher informação adequada acerca do mercado (Halfacre & Barbem, 1979).

3. Matérias e Métodos

3.1 Descrição da área de estudo

3.1.1 Descrição do distrito de Moamba

O distrito de Moamba está situado na parte Norte da província de Maputo, a 75 km da capital do país, e está posicionado entre os paralelos 24° 27' e 25° 50' sul e, os meridianos 31° 59' e 32° 57' Este. O distrito tem como limite geográfico a norte, o rio Massintonto que o separa do distrito de Magude, a Sul os distritos de Boane e Namaacha, a Este, os distritos de Manhica e Marracuene, e Oeste, uma linha de fronteira artificial com província Sul Africana de Transval (MAE, 2005). O distrito tem uma superfície de 4628 Km² e uma população de 62.396 habitantes, com uma densidade populacional de 13,6 habitantes/Km² (INE, 2007).

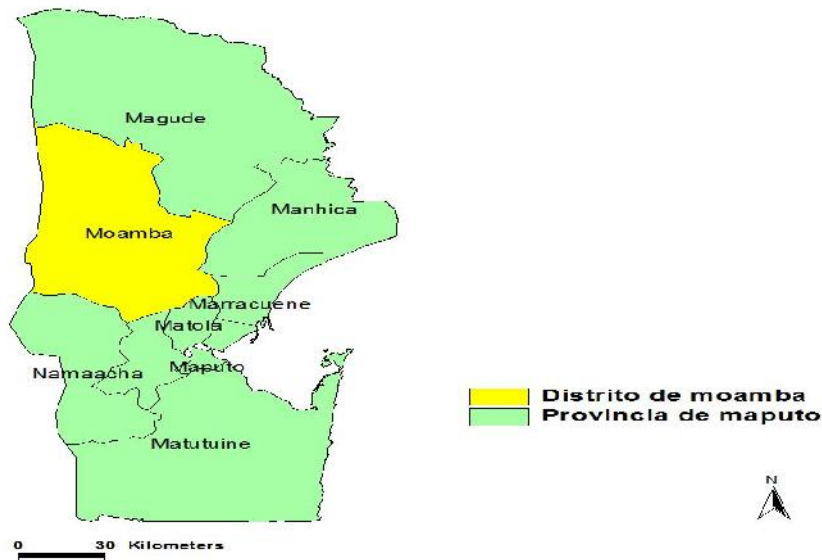


Figura 1. Região do distrito de Moamba

A temperatura média anual do distrito oscila entre 23° a 24° C. Este distrito tem duas estações: uma quente, de temperaturas mais elevadas e de pluviosidade acentuada, que vai de Outubro a Março e outra fresca que se estende de Abril a Setembro. A pluviosidade média é de cerca de 571 mm com incidência entre Dezembro a Fevereiro. A evaporação potencial média anual é elevada com cerca de 1.433 mm a 1.500 mm (MAE, 2005).

Neste distrito há três esquemas de regadio ocupados pelos pequenos agricultores, nomeadamente Bloco I, Bloco II e Sabié. Os três sistemas têm infra-estrutura de irrigação funcional e, conjuntamente, têm uma área irrigável de aproximadamente 1857 hectares (485 ha no Bloco I, 350 ha no Bloco II e 1022 ha em Sabié) dos quais sabe-se que, somente 800 ha são actualmente utilizados. Dentre as causas que levam a uma fraca utilização destas áreas, destacam-se os problemas de Salinização dos solos e a ausência do sistema de regadio. O bloco 1 tem aproximadamente 350 produtores, o bloco 2 tem 250 produtores e o regadio de Sabié com um pouco mais de 500 produtores. Os três sistemas têm, aproximadamente, 1100 beneficiários, (SDAE Moamba, 2010).

O tamanho médio das parcelas no Bloco 1 e em Sabié é de 1.5 ha, contra os cerca de 3.125 ha no bloco 2. As actividades de produção são principalmente de hortícolas, tanto no verão como no inverno. As principais culturas produzidas são: tomate, maçaroca, pimento verde, feijões, cebola, repolho. As actividades de produção e comercialização são administradas individualmente. Os beneficiários dentro de cada sistema estão organizados em associações, com a finalidade de administrar distribuição da água. Todos os sistemas têm problemas de fornecimento de água, daí resultando que, os agricultores irriguem duas a três vezes por semana. Isto, em parte, é devido ao facto de o fornecimento de água do rio não ser sempre fiável, em especial durante a estação seca, (SDAE Moamba, 2010).

3.1.2 Descrição do distrito de Boane

O distrito de Boane está localizado a sudeste da província de Maputo, sendo limitado, a norte pelo distrito de Moamba, a Sul e Este pelo distrito de Namaacha e a Oeste pela cidade de Matola e pelo distrito de Matutuine. A sua sede está localizada a 30Km da cidade de Maputo. Possui uma superfície de 804Km² e uma população recenseada em 2007 de 102,555 habitantes, (INE, 2007).

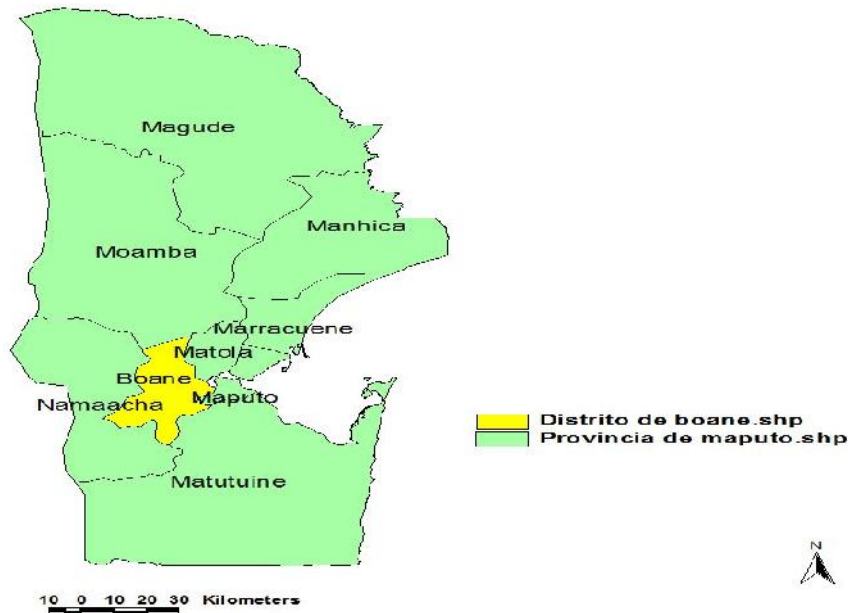


Figura 2. Região do distrito de Boane

O clima da região é sub-húmido e com deficiências de chuva na estação seca e fresca. A temperatura média anual é de 23,7°C e, os meses mais frios são os de Junho e Julho. Os mais quentes são Janeiro e Fevereiro e, a humidade relativa média é de 80,5% variando de um máximo de 86% em Junho e um mínimo de 73,5% em Novembro. A pluviosidade média anual é de 752mm, variando entre os valores médios de 563,6 mm para o período húmido e 43,6 mm para o período seco. O período húmido estende-se de Novembro a Março e, o período seco de Abril a Outubro. Os cursos de água do distrito de Boane pertencem às Bacias Hidrográficas dos rios Umbeluze, Tembe e Matola e, o distrito é ainda atravessado pelos rios Movene e Nwlate de regime periódico (MAE, 2005)

O Distrito possui uma área total de 43.200 ha de solos aráveis, dos quais 33.700 ha são de sequeiro e 9.500 de irrigação. Da área de sequeiro, estão actualmente em uso 18.620 ha e, da área de irrigação estão em uso apenas 1.300 ha (INE, 2007).

O distrito de Boane tem três principais sistemas de irrigação, a saber Massaca, Manguiza e 25 Setembro. O regadio de Massaca tem uma área de cerca de 124 ha, ocupado actualmente por 145 produtores; o regadio de Manguiza tem 38 ha, ocupado por 40 produtores e o regadio de 25 de Setembro tem uma área de 40 ha ocupado por 42 produtores. O tamanho das parcelas nos 3 regadios

varia de 0.25 - 1 ha. A produção de hortícola é a actividade principal em todos os sistemas. As culturas mais produzidas são a maçaroca, o tomate, o repolho, o feijão verde, o pimento e a cenoura (SDAE Boane, 2010).

O uso de insumos comprados é limitado em todos os sistemas. Os agricultores em cada sistema, embora estejam integrados em associações, realizam a sua produção e comercialização individualmente. Os três sistemas enfrentam problemas de abastecimento de água, daí resultando que os agricultores irriguem uma ou duas vezes por semana. Os problemas em Massaca estão relacionados com a avaria frequente do equipamento de bombagem devido à falta da manutenção preventiva. No regadio de 25 Setembro os problemas estão relacionados com o inadequado equipamento de bombagem, enquanto em Manguiza estão relacionados com a inadequada infraestrutura de distribuição de água (SDAE Boane, 2010).

3.2.2 Colecta dos dados

3.2.2.1 Categorização dos produtores

Para o presente estudo usou-se a categorização de produtores proposta pela FAEF, (2001). Esta classificação leva em consideração o tamanho das áreas e agrupa os produtores em 3 categorias:

- Pequenos agricultores, que são aqueles que exploram 0,25-3 ha;
- Médios agricultores, que exploram áreas de 3 a 20 ha;
- Grandes agricultores, que exploram mais de 20 ha.

Fez-se entrevistas semi-estruturadas dirigida aos produtores do sector familiar e do sector privado nos distritos de Bane e Moamba, num total de 58 produtores distribuídos conforme a tabela abaixo.

Tabela 6. Número de produtores entrevistados por categoria de produtores nos distritos

Distrito		Pequeno produtor	Médio Produtor	Total
Moamba	Bloco 1	17	2	20
	Bloco 2	9	5	13
Total		26	7	33
Boane	Pequenos Libombos	0	2	2
	Manguiza	0	2	2
	Massaca	21	0	21
Total		21	4	25

Salientar que estava previsto entrevistar 45 produtores em cada distrito, subdivididos em 15 Pequeno, 15 Médio e 15 Grande produtor. Após a visita e a identificações efectuadas nos locais mencionados, constatou-se a existência de um número reduzido de médios produtores e ausência de grandes produtores o que obrigou a alteração dos números anteriormente previstos.

Fez-se entrevista de 15 importadores de hortícolas os vulgos “Mukeristas”, cuja actividade central é a importação de hortícolas a partir de África do Sul e sua posterior venda nos mercados da província e cidade de Maputo.

3.2.3 Análise dos resultados

Para análise dos resultados foi usado o pacote estatístico SPSS 13.0 for Windows. Através deste, achou-se as frequências das respostas dos resultados dos questionários, e com base nestes resultados, construiu-se tabelas e gráficos de frequências.

Calculou-se as quantidades totais de hortícolas importadas em cada ano, através do somatório das quantidades totais importadas em cada mês.

$VA_j = VT_{j1} + VT_{j2} + \dots + VT_{j12}$ onde:

VA_j = volume total de hortícolas importado no ano j, podendo o j variar de $j=1$ no ano 2006 até $J=5$ no ano 2010.

VT_{j1} = volume total de hortícolas no ano j do mês 1 (Janeiro)

VT_{j2} = volume total de hortícolas no ano j do mês 2 (Fevereiro)

VT_{j12} = volume total de hortícolas no ano j do mês 12 (Dezembro)

Usou-se o teste de Qui-quadrado para analisar se a diferença entre variáveis analisadas eram estatisticamente significativas ou não.

Qui-quadrado foi calculado usando programa SPSS mas pode ser calculado manualmente usando a fórmula proposta por Pestana e Gageiro, (2008)

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^l \sum_{j=1}^c \frac{(n_{ij} - e_{ij})^2}{e_{ij}}$$

Onde:

l- representa o número de categorias da primeira variável

c- representa o número de categorias da segunda variável

n_{ij} - representa o valor observado na linha “i” da coluna “j”

e_{ij} - representa o valor esperado na linha “i” da coluna “j”

$(l-1) * (c-1)$ = graus de liberdade do teste

i- Observações na linha

j- observações na coluna

4. Resultados e Discussão

4.1 Produção de hortícolas

4.1.1 Características dos produtores

Os resultados do presente estudo mostram que do total de 58 produtores inqueridos, apenas 11 produtores (19%), são médios e os restantes 48 (81%) são pequenos produtores. Isto suporta resultados anteriores que mostram que o sector familiar é que predomina na agricultura Moçambicana (Sitoe, 2005).

A categoria dos pequenos produtores apresenta maior número de produtores do sexo feminino, (53%) contra os 47% do sexo masculino, enquanto os Médios produtores apresenta maior número de produtores do sexo masculino (72%), contra apenas 28% do sexo feminino (gráfico1).

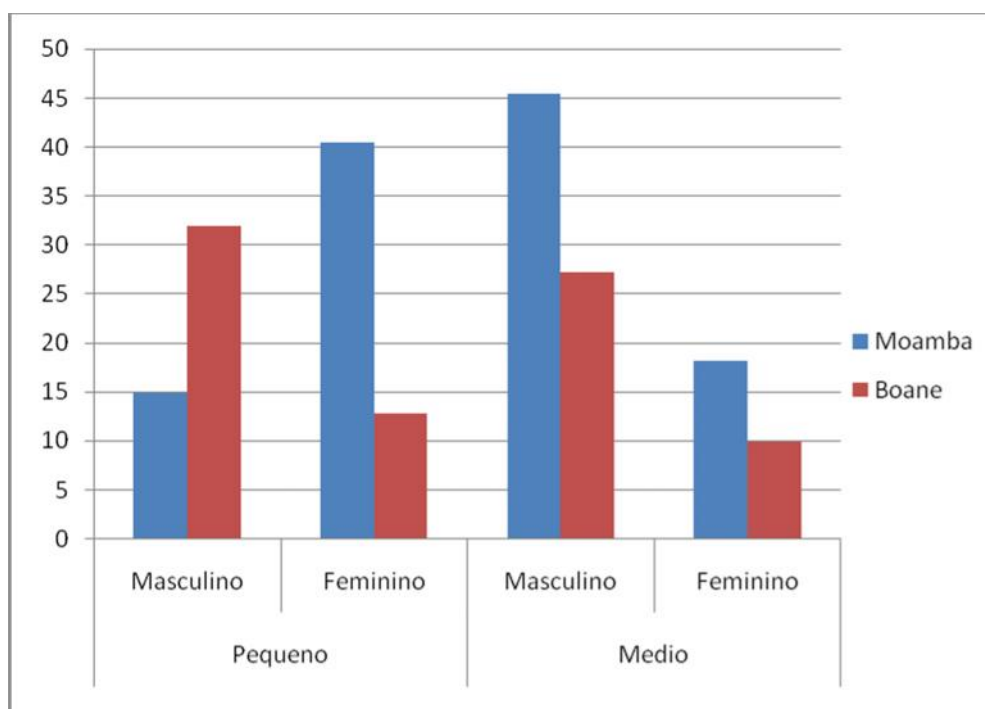


Gráfico 1. Distribuição de produtores (%) dentro das categorias de produtores e por distritos

4.1.2 Associação de produtores

Os pequenos produtores encontram-se maioritariamente associados (74%), enquanto os médios produtores apenas 9% dos produtores pertencem a alguma associação de produtores. Quando desagregados os dados por distrito verifica-se que o associativismo é mais forte em Moamba com 46% e 9% para os Pequenos e Médios produtores respectivamente contra os 28% e 0% no distrito de Boane. Segundo observações feitas no campo, os médios produtores, para além de possuírem

maior número de áreas de produção, possuem as suas próprias bombas de irrigação, enquanto os pequenos produtores dependem, exclusivamente, da bomba de irrigação das associações para procederem à rega dos seus campos, tornando-os mais dependentes da associação.

Segundo produtores de ambos os distritos é mais fácil conseguir empréstimos dos bancos, dentro das associações do que fora delas. Os produtores usam as associações para superarem outras dificuldades, como a compra de insumos de produção na cidade de Maputo e, procedem de uma forma colectiva, o que lhes ajuda a reduzir os custos de transporte.

Segundo Halfacre & Barbem (1979) os pequenos produtores, pela sua reduzida dimensão económica, às vezes, juntam-se em cooperativas ou em associações informais de modo a conseguirem algumas vantagens, como empréstimos bancários, facilidade na aquisição de insumos de produção, maior posição negociadora de preços frente a comerciantes rurais, processadores, grossistas e retalhistas. Para além disso, as associações são capazes de recolher informação adequada acerca do mercado.

Tabela 7. Total de produtores (%) associados por categoria de produtores por e distrito

Categoria de produtor	É associado	Distrito		Total
		Moamba	Boane	
Pequeno	Sim	46	28	74
	Não	9	17	26
	Total	55	45	100
Médio	Sim	9	0	9
	Não	55	36	91
	Total	64	36	100

4.1.3 Hortícolas produzidas nos Distritos de Moamba e Boane

Segundo MINAG (2011), em Moçambique a cultura de tomate apresenta maior número de explorações agrícolas 270.967, seguida da couve com 179.702 e cebola com 115.026. As culturas com menor número de explorações são a cenoura, o pepino e o repolho, com 10.620, 39.933 e 40.125, respectivamente (tabela 1). A cultura de repolho foi a que apresentava menor número de explorações na escala nacional, mas pode se notar que, actualmente, é uma das hortícolas mais produzidas nos distritos de Boane e Moamba

Entre as hortícolas produzidas, nas duas categorias de produtores, o tomate é a cultura mais produzida, com um total de 84% de produtores, seguida de batata e repolho produzidos por 71% dos produtores. A hortícola menos produzida é a cenoura com apenas 7%, seguida de Alface e couve com 19% e 21% de produtores, respectivamente (gráfico 2).

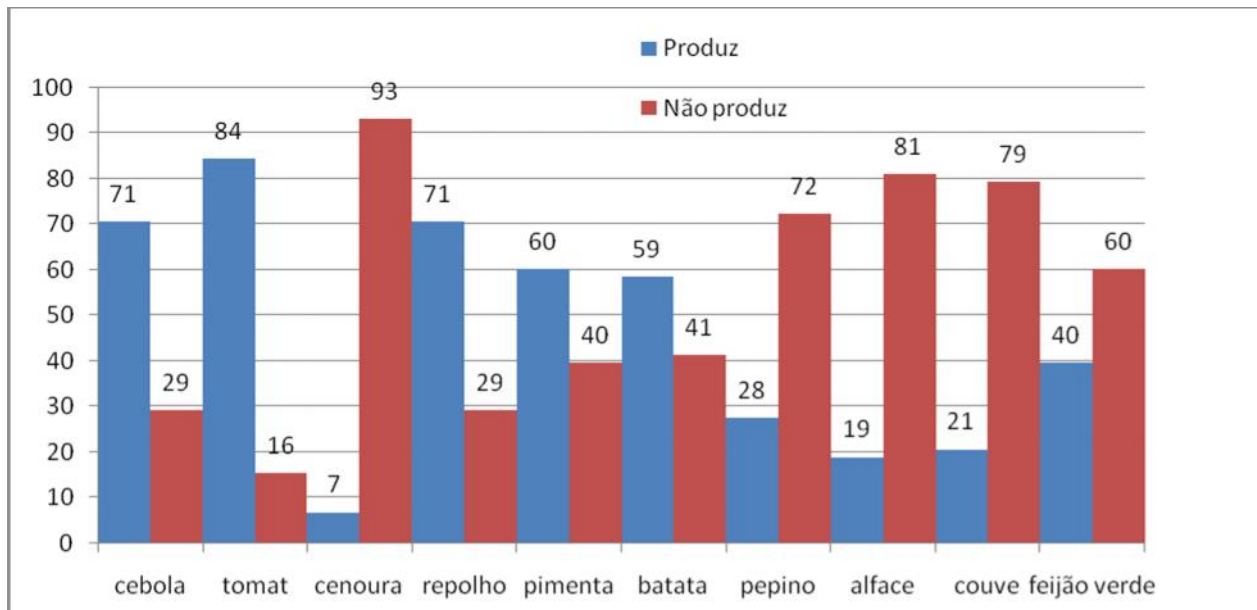


Gráfico 2. Percentagem (%) de produtores que cultivam as hortícolas

4.1.4 Área ocupada por categoria de produtores

A maioria dos Pequenos produtores (51%) tem área com dimensão que varia entre 1-3 ha seguido de produtores com área menor que 0.5 ha com 32%. Já os Médios produtores as áreas nos intervalos de 3-4 ha, são as mais frequentes com 63%, seguido de áreas de 4-5ha com 18%.

Segundo a classificação de Carrilho *et al*, (s/d) podemos afirmar que 100% dos pequenos produtores são familiar comercial visto possuem áreas menores a 10 ha e todos produzem hortícolas para a comercialização apenas 9% dos Médios são produtores privados.

Tabela 8. Percentagem de Área ocupada por sector de produção por distrito

Categoria de produtor	Área de produção (ha)	Distrito		Total
		Moamba	Boane	
Pequeno	Menos de 0.5	2	30	32
	0.5-1	11	0	11
	1-2	38	13	51
	2-3	4	2	6
	Total	55	45	100
Médio	3-4	36	27	63
	4-5	9	9	18
	5-10	9	0	9
	10- 20	9	0	9
Total	64	36	100	

4.1.5 Uso de insumos de produção

Com relação a utilização de insumos como, maquinaria, sementes certificadas e defensivos, os resultados mostram que os Médios produtores fazem mais uso dos insumos do que os pequenos produtores como mostra a tabela abaixo.

Tabela 9. Percentagem de produtores que usam insumos por categoria de produtores

Categoria de produtor	Tractores agrícolas		Defensivos		Sementes certificadas	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Pequeno	70	30	96	4	53	47
Médio	100	0	100	0	82	18

O teste de Qui-quadrado mostra que a diferença no uso de maquinaria e semente certificada entre os Pequenos e Médios produtores é significativa¹, mas não é significativa² em relação ao uso de defensivos ou seja os Médio produtores tem mais probabilidade de uso de maquinaria e semente certificada do que o Pequeno produtor. O uso de defensivos é independente do facto de ser Pequeno ou médio produtor.

¹ χ^2 calculados: maquinaria 182,2; sementes certificadas 32,4 e χ^2 critico 3.84

² χ^2 defensivos 2,02 e χ^2 critico 3.84

No que concerne a aplicação de defensivos, 95% dos produtores aplicam os defensivos numa forma preventiva. Os insecticidas são os mais aplicados (100% dos produtores) nas duas categorias, seguindo-se os fungicidas que são usados por apenas 31% dos pequenos produtores e 73% dos Médios produtores e, por fim, herbicidas sem nenhuma aplicação nas duas categorias de produtores, como mostra a tabela 10.

As hortícolas são muito exigentes em termos de insumos de produção. Assim, os produtores dos distritos de Boane e Moamba procuram fazer maior uso de insumos de modo a obterem maiores rendimentos e garantirem a qualidade dos produtos no mercado, desta forma produzem as hortícolas dentro do regadio para suprir as necessidades de água, visto que a precipitação média anual destas duas zonas é bastante reduzida, com cerca de 752mm, todos usam adubos e parte deles usam maquinaria, defensivos e sementes certificadas.

Tabela 10. Defensivos aplicados por sector de produção

Categoria de produtor	Defensivos aplicados					
	Herbicida		Insecticida		Fungicida	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Pequeno	0	100	100	0	31	69
Médio	0	100	100	0	73	27

Segundo Baas, (2007) umas das principais causas das perdas nas hortícolas é a ocorrência de pragas e doenças. Para o controlo das doenças recomenda-se a aplicação preventiva e para o controlo das pragas deve-se usar insecticidas, caso os níveis de infestação justifiquem o seu controlo.

4.3 Comercialização de hortícolas pelos produtores

Todos os produtores inqueridos responderam positivamente que o principal objectivo da produção das hortícolas é a comercialização. A tabela 10 mostra os principais intervenientes na cadeia de comercialização e a partir dela podemos constatar o seguinte: Na de Médios produtores 90% vende parte das suas hortícolas a grossistas e intermediários e 30% vende aos consumidores locais, enquanto nos pequenos produtores 83% vende aos consumidores locais, 75% aos intermediários e apenas 17% vende os seus produtos aos Grossistas.

Tabela 11. Intervenientes na cadeia de comercialização por categoria de produtores

Categoria de produto	Grossistas		Intermediários		Consumidores	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Pequeno (%)	17	83	75	25	83	17
Médio (%)	90	10	90	10	30	70

Dada a sua reduzida dimensão económica, os pequenos produtores, não conseguem disponibilizar grandes quantidades de produtos aos grossistas e intermediários de forma isolada. Muitas vezes, eles precisam de se unir em grupos informais ou em associações, engrandecendo o volume dos seus produtos, enquanto o médio produtor, individualmente (com maior volume de produção é maior comparativamente ao sector familiar) consegue fornecer grandes quantidades de hortícolas, fazendo com que maior parte dos médios produtores forneçam os seus produtos directamente aos grossistas e intermediários.

Importa ainda, salientar que, nas duas categorias de produção as hortícolas são todas comercializadas a fresco, não havendo, deste modo, nenhum processamento por parte dos

4.4 Integração no mercado regional

4.4.1 Conhecimento da ZCL

Dum total 11 de médios produtores entrevistados, 36% tem conhecimento da ZCL, enquanto para os pequenos produtores foram entrevistados 47 produtores e apenas 13% tem conhecimento da ZCL. No distrito de Moamba 21% dos produtores têm conhecimento contra os 10% de Boane. Quanto aos importadores de hortícolas, 47% têm conhecimento da ZCL e 53% não têm conhecimento.

O teste de Qui-quadrado mostra que a diferença no conhecimento da ZCL entre os Pequenos e os Médios produtores é significativa³ mas já não é significativa com relação ao facto do produtor estar localizado nos distritos de Moamba ou Boane ou seja o Médio produtor tem mais probabilidade de ter conhecimento da ZCL do que o Pequeno produtor.

³ χ^2 calculado 7,54 e χ^2 critico 3,84

Tabela 12. Produtores que já ouviram falarem da ZCL por categoria de produtores por distrito

Categoria de produtor			Ouvir falar da ZCL	
			Sim	Não
Pequeno (%)	Distrito	Moamba	9	47
		Boane	4	40
	Total		13	87
Médio (%)	Distrito	Moamba	27	37
		Boane	9	27
	Total		36	64

4.4.2 Competição com as hortícolas da África do Sul

Cerca de 83% de pequenos e 80% dos médios produtores, acreditam que as hortícolas nacionais conseguem competir com as provenientes da África do sul em termos de termo de disponibilidade e qualidade do produto no mercado e, apenas 17% e 20% dos Pequenos e Médios produtores respectivamente, acham que elas não conseguem competir.

Quanto aos importadores, todos afirmaram positivamente que as hortícolas nacionais conseguem competir com as de África do Sul. Para os que acham que as hortícolas nacionais não conseguem competir com as sul-africanas, apontam os baixos preços de venda das hortícolas nacionais, baixos rendimentos, baixa qualidade das hortícolas nacionais comparadas com as importadas e falta de capacidade de fornecimento regular dos produtos no mercado, como as principais causas.

Tabela 13. Produtores que acham que as hortícolas nacionais competem com as importadas

Categoria de produtor		Acha que as hortícolas nacionais conseguem competir com as mesmas importadas		Total
		Sim	Não	
Sector de produção	Pequeno (%)	83	17	100
	Médio (%)	80	20	100

4.4.3 Período de competição das hortícolas nacionais em relação às da África do Sul

Os períodos de Abril-Setembro, foram apontados pelos produtores como sendo os períodos em que as hortícolas nacionais conseguem competir com as provenientes da África do Sul e, os períodos de

Janeiro-Março, seguido de Outubro-Dezembro como sendo os meses em que não conseguem competir (Tabela 13). Os importadores apontam, igualmente, os períodos de Abril-Junho e Julho-Setembro como sendo os meses com maior disponibilidade de hortícolas no mercado nacional.

Em Moçambique existem duas estações distintas: A quente e chuvosa, que vai de Outubro à Março, a fria e seca que vai de Abril à Setembro (USAID, 2008). As hortícolas são mais adaptadas a época fresca e húmida. Na época quente as temperaturas são mais altas e há maior incidência de pragas e doenças devido ao excesso de humidade (Baas, 2007). Segundo os inqueridos, o aparecimento de pragas e doenças na época quente, associado à fraca capacidade financeira dos mesmos, para a compra dos pesticidas, tem contribuído bastante para a redução da quantidade e da qualidade das hortícolas e elevam os custos de produção, tornando a actividade pouco compensadora.

Tabela 14. Período de competição das hortícolas por categoria de produtores

Categoria	Janeiro-Março		Abril-Junho		Julho-Setembro		Outubro-Dezembro	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Pequenos (%)	22	78	60	40	55	45	45	55
Médios (%)	37	63	75	25	62	38	63	37

4.4.4 Constrangimentos na produção e comercialização das hortícolas

Para melhorar a colocação das hortícolas nacionais, os produtores do distrito de Boane gostariam que o governo local ajudasse na reabilitação dos regadios, porque após a retirada dos projectos italianos nos regadios do distrito, pouco ou nada se faz para a reabilitação da casa agrária do distrito, pelo que, esta era a única que no passado se dedicava ao fornecimento de insumos de produção. Os produtores de ambos os distritos gostariam que houvesse mais financiamento por parte do governo, para poderem adquirir insumos de produção tais como sementes melhoradas, pesticidas e adubos. Siteo (2005) aponta o fraco acesso aos mercados de insumos e factores de produção e, o fraco apoio financeiro aos produtores, como sendo algumas causas da baixa produtividade, no sector agrário em Moçambique.

No entanto os importadores, reclamam pelas dificuldades que eles têm no acesso aos produtos, tendo em conta que, muitos produtores vendem directamente os seus produtos aos retalhistas, o que faz com que os importadores tragam os produtos da África do Sul mesmo nas épocas em que há abundância dum certo produto no mercado nacional.

4.4.5. Benefícios na produção e comercialização das hortícolas após a introdução da ZCL

A ZCL teve o início em Janeiro de 2008. Três (3) anos após a sua introdução, 100% dos produtores afirmaram não ter havido nenhum benefício da sua introdução, importa lembrar que 87% dos produtores familiares e 64% no sector privado não têm conhecimento da ZCL.

Quanto aos importadores, 67% afirmaram haver algum benefício, pois houve alguma redução nos valores pagos na importação das hortícolas e os restantes 33% afirmaram que não tiveram nenhum benefício.

4.5. Importação de hortícolas

A associação dos importadores encontra-se dividida por categoria de produtos (ex: hortícolas, frutas, etc.). Os importadores de hortícolas encontram-se subdivididos em Secções a saber: Secção de tomate, de batata, cebola, alho e repolho. Esta subdivisão vai de acordo com as hortícolas que comercializam, podendo os importadores de cada secção de hortícola, importar outras hortícolas de reduzido volume de importação, como pepino, pimenta e outros segundo as necessidades do mercado.

Na importação de hortícolas a secção de tomate é a que apresenta um maior número de intervenientes com um total de 34%, seguido da secção de batata com 24%. E, a que apresenta menor número de importadores é a secção de repolho, com 20% seguida da de cebola e alho com 22%, como mostra tabela a baixo.

Tabela 15. Total de produtores por secção de importadores

Secção	Nº de importadores	Percentagem (%)	Nº de Inqueridos
Tomate	130	34	5
Batata	90	24	4
Cebola e alho	85	22	3
Repolho	74	20	3
Total	379	100	15

Pode-se constatar no gráfico 2 que actualmente, a batata é produzida por 59% dos produtores, a cebola por 71%. A tabela 15 indica que apenas 24% dos importadores participam da importação da batata e 22% da importação da cebola. Esta situação, incentiva a produção da batata e cebola pelos produtores nacionais. O tomate é a hortícola com maior número de produtores (84%), mesmo assim, é a hortícola que apresenta maior número de importadores, demonstrando assim, uma maior procura

desta hortícola no mercado da cidade de Maputo. No entanto o repolho é produzido por 71% dos produtores, número igual a cebola. Entretanto, a cebola é a que menor número de importadores possui, demonstrando deste modo, a alta contribuição dos produtores nacionais no fornecimento desta cultura.

De acordo com a tabela 16, no intervalo de 2006 a 2010 foi importado um total de 173 mil toneladas de hortícolas, dos quais a batata constitui 42.2%, seguida da cebola com 20.7, o tomate com 18,4% e, por fim, outras hortícolas e repolho com 12.5% e 6.2%, respectivamente.

Tabela 16. Volume médio de hortícolas importadas do ano 2006-2010

Hortícola	Quantidade (10³ toneladas)	Percentagem
Batata	73,1	42,2
Cebola	35,8	20,7
Tomate	31,9	18,4
Repolho	10,8	6,2
Outras hortícolas	21,6	12,5
Total	173,2	100,0

Fonte: ATM, 2011

De 2006 até o ano da introdução da ZCL, Janeiro de 2008, o volume de hortícolas importadas sofreu uma redução de 54 para 33 mil toneladas. No igual período, houve um aumento da produção de Hortícolas de 15,97 para 31,48 mil toneladas, no distrito de Moamba e, de 13,44 para 16,66 mil toneladas no distrito de Boane. De 2008 a 2010, o volume de importação diminuiu de 40,5 mil para 33 toneladas e, no igual período houve um aumento de produção de hortícolas de 31,48 para 59,07 no distrito de Moamba e de 16,66 para 19,91 mil toneladas no distrito de Boane.

Do ano 2006 a 2008 a importação de hortícolas foi superior a produção tanto em Moamba como em Boane. Do ano 2008 a 2010 a importação de hortícolas foi inferior a quantidade produzida em Moamba e Boane.

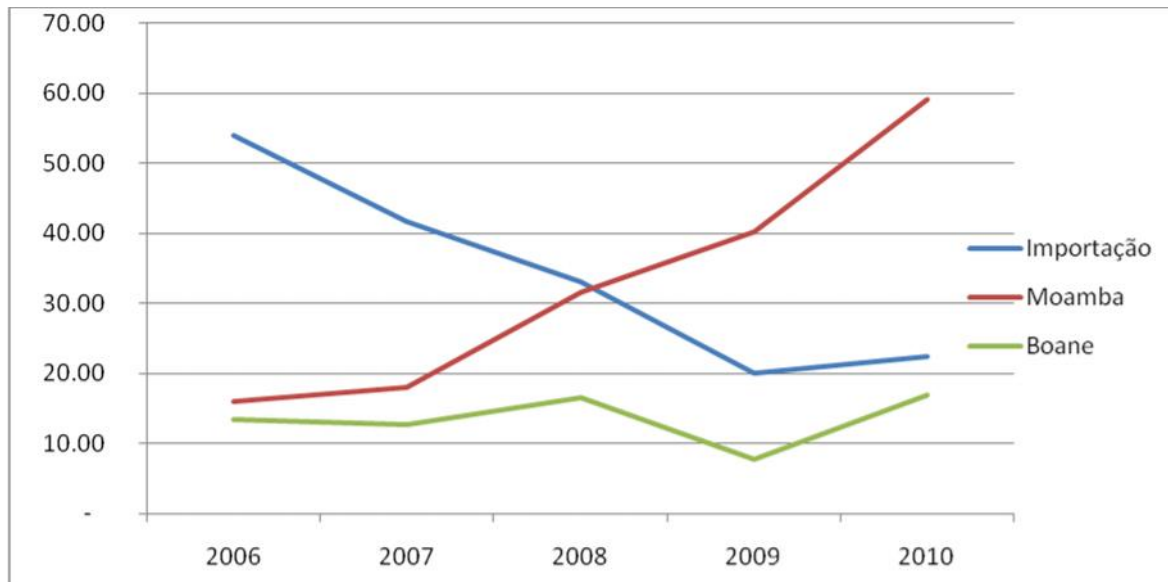


Gráfico N° 3. Quantidades de hortícolas (10^3 toneladas) importadas e produzidas e em Moamba e Boane de 2006 a 2010.

Fonte: ATM, SDAE de Moamba e Boane, 2011

5. Conclusões

As análises realizadas ao longo do estudo mostram que entre as hortícolas produzidas, pelos Pequenos e Médios produtores, a cultura de tomate é a mais produzida com um total de 84% de produtores, seguida de batata e repolho produzido por 71% dos produtores. As hortícolas menos produzidas são a cenoura com apenas 7%, seguida de Alface e couve com 19% e 21% de produtores, respectivamente.

A área ocupada pelos pequenos produtores varia de <0.5ha a 3ha. A maioria dos pequenos produtores (61%) ocupa áreas no intervalo de 1-2ha. Para os Médios produtores as áreas são relativamente maiores, comparadas ao sector familiar, variando de 3 a cerca de 20ha sendo que a maioria destes produtores (64%) entrevistados neste estudo, possui áreas que variam de 3-4ha.

Quanto ao uso de insumos de produção, a maquinaria, os insecticidas e as sementes certificadas são os mais usados. Os Médios produtores fazem maior uso de maquinaria e sementes certificadas em comparação com os Pequenos Produtores, enquanto os insecticidas são largamente usados por ambas categorias.

Os importadores têm mais conhecimento da existência ZCL do que os produtores, com 47% dos entrevistados a afirmarem positivamente ter conhecimento, seguido pelos Médios produtores com 36% e por fim os Pequenos produtores com apenas 13%. Quanto a localização do produtor o conhecimento da ZCL é independente da localização quer seja em Moamba ou Boane. Tanto os importadores como os produtores afirmaram positivamente a capacidade das hortícolas nacionais conseguirem competir com as provenientes da RSA. Defendem que nos meses de Abril a Setembro compreendem o período em que as hortícolas nacionais melhor competem com as provenientes da RSA.

O tomate é a cultura com maior número de importadores, seguido de batata e cebola com 34%, 24% e 22% do total dos importadores, respectivamente. Durante os anos 2006 a 2010 foram importados 173 mil toneladas de hortícolas, tendo a batata contribuído com 42.2% da quantidade total, seguido de cebola e tomate com 20,7% e 18,4%, respectivamente. Dum modo geral os resultados do estudo mostram que a introdução da ZCL não teve impactos negativos na produção e comercialização de hortícolas nos distritos de Moamba e Boane.

6. Recomendações

Aos produtores recomenda-se que se empenhem na produção de hortícolas durante a época quente, de modo que as hortícolas nacionais estejam disponíveis ao longo de todo ano, reduzindo desta forma, a importação de hortícolas provenientes da RSA.

Recomenda-se às empresas fornecedoras de insumos de produção e aos produtores, que invistam na reabertura das casas agrárias dos distritos, visto que não existe, ao nível local, entidades capazes de fornecer insumos de produção no nível desejável.

Ao governo, para que crie políticas que facilitem a concessão de créditos aos produtores, tais como redução das taxas de juros, disponibilidade do crédito em tempo útil, visto que a maior parte dos produtores não usa as suas áreas na totalidade por dificuldades financeiras, facto que se agrava na época quente, em que os custos de produção são ainda mais elevados.

De igual forma, recomende-se aos governos locais e Organizações Não Governamentais que, organizem cursos e ou palestras para os produtores e importadores, de maneira que se possa transmitir os objectivos, finalidades e oportunidades da ZCL, tendo em conta que poucas pessoas têm conhecimento da existência de ZCL.

Sugiro que, seria importante e interessante que pesquisa do género fosse realizada em outros distritos ou províncias com amostras maiores de modo a permitir uma comparação mais detalhada sobre o assunto.

7. Bibliografia consultada

- Almeida, D., (2006). *Manual de Hortícolas*, volume II, Editora presença, Portugal
- ATM (Autoridade Tributaria de Moçambique). (2011). *Estatísticas Anuais de Importação de Produtos Frescos*, Maputo, Moçambique.
- Banco Mundial. (2006). *Estudo do Financiamento para desenvolvimento do Negócio de Hortícola*, Moçambique
- Chichava, J., (s/d). *As vantagens e Desvantagens Competitiva da Integração de Moçambique na África Austral*. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo
- Francisco, A., (1987). *Estudo de sistemas de Mercado de hortícolas e frutas e impactos da liberalização dos preços: Cidade de Maputo e sua zona de influência*, MINAG, Maputo
- FAEF, (2001). *Programa Competir*. Região agrícola de Chókwè. Diagnóstico da fileira Agrícola. Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal. Universidade Eduardo Mondale.
- GoM, (2005). *Estratégia da Comercialização Agrícola para 2006-2009*.
- GoM, (2002). Decreto 39/2002 de 26 de Agosto
- Henverlink, H., (2005). *Crop production science in Horticulture*, Cabi publishing, USA
- Johane, S., (2007). *Comportamento de preços de algumas hortícolas no mercado central de Maputo (1998/2004): Tese de licenciatura*, UEM-FAEF, Maputo, Moçambique.
- Mendes, J., (1989). *Economia Agrícola: princípios Básicos e Aplicações*, Curitiba, Brasil.
- Pestana, M, (2008). *Análise de Dados Para Ciências Sociais*, 5ª edição, edição Sílabo, Lisboa.
- Ribeiro, J., & Rulkens, A. (1999). *O Tomateiro*. Ligano-edições
- ROSA (Rede das Organizações para a Soberania Alimentar). (2008). *Impacto do protocolo comercial da SADC na soberania alimentar dos produtores rurais em Moçambique*, Maputo, Moçambique.
- SADC (Southern African Development Community). (2003). *Regional Indicative Strategic*
- SADC. (2008). *Manual de Zona de Comercio Livre. Development Plan*. Gaborone, Botswana, SADC Secretariat.
- Samuelson, A., (1999). *Economia*, 16 edição, Lisboa: Mc Graw-Hill, 908pp.

SDAE Boane (Serviços Distritais das Actividades Económicas de Boane). (2011). *Relatório Anual da Produção Agrícola*, anos 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010.

SDAE Moamba (Serviços Distritais das Actividades Económicas de Moamba). (2011). *Relatório Anual da Produção Agrícola*, anos 2006, 2007, 2008, 2009 e 2011

Sitoe, A., (2005). *Agricultura familiar em Moçambique estratégias de desenvolvimento sustentável*, MINAG, Maputo, Moçambique.

Sitoe, A., (2008). *Evolução dos sistemas agrários no vale do Infulene, cidade da Matola- província de Maputo: uma abordagem sistémica*, Uni-FACEF 4º Congresso Brasileiro dos Sistema, SP, Brasil.

UDA (Unidade de Direcção Agrícola). (1982). *Normas Técnicas Agrícolas*, 1ª edição

Anexos 1

Ficha de Inquéritos usados para a colheita de dados de campo

Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal

Ficha de inquérito ao produtor de hortícolas para a percepção dos impactos da redução das tarifas de importação de hortícolas na sua produção e comercialização

1. Nome _____
2. Idade _____
3. Sexo. 3.1. Masculino ___ 3.2. Feminino ___
4. Localização da actividade? 4.1. Moamba ___ 4.2. Boane ___
5. Está ligado a uma associação? (É associado) 5.1. sim ___ 5.2. não ___
6. Hortícolas que produz? 5.1. Tomate ___ 7.2. Cebola ___ 7.3. Cenoura ___ 7.4. repolho ___ 7.5. pimenta ___ 7. 6. batata ___ 7.7. Outros (especifique) _____
7. Área produzida? 7.1. Menos de 0.5ha ___ 7.2. entre 0.5-1ha ___ 7.3. 1-2ha ___ 7.4. 2-3ha ___ 7. 5. 3-4ha 7.6 4-5ha ___ 7.7 5-10ha ___ 7.8 10-20ha ___ 7.9 > 20ha
8. Destino da produção? 8.1 Autoconsumo ___ 8.2. venda ___ 8.3. outros (especificar) _____
9. Mercado de destino da produção/onde vende 9.1. local ___ 9.2. mercados vizinhos ___ 9.3. outros (especificar) _____
10. A quem vende os produtos? 10.1. Comunidade local ___ 10.2. intermediários ___ 10.3. grossista ___ 10.4. Supermercados ___ 10.5. outros (especificar) _____
11. Insumos de produção utilizados? 11.1. maquinaria ___ 11.2. defensivos ___ 11.3. correctivos ___ 11.4. sementes certificadas _____
12. Se usa defensivos. Quais são os produtos que usas? 13.1. herbicidas ___ 13.2. inseticida ___ 13.3. fungicidas ___
13. Estes produtos aplica antes ou depois do aparecimento da praga ou doença? 13.1. antes ___ 13.2. depois ___
14. Como é que vende os produtos? 14.1. Fresco ___ 14.2. processado _____

15. Conhecimento sobre a livre circulação de produtos ao longo da região da SADC pelos produtores 15.1. Ouvia falar ___ 15.2. Nunca ouviu falar ___

16. Se já ouviu falar, o que sabe sobre ZCL?

17. Acha que suas hortícolas conseguem competir com os mesmos produtos provenientes da A.S? 17.1. Sim ___ 17.2. Não ___

18. Se sim. Em que período do ano suas hortícolas conseguem competir? 18.1. Janeiro-Março ___ 18.2. Abril-junho ___ 18.3. Julho-Setembro ___ 18.4. Outubro-Dezembro ___ 18.5. outro. Especificar _____

19. Porque achas que os seus produtos não conseguem competir com os mesmos provenientes da A.S? 19.1. Preço elevados _____ 19.2. Estradas deterioradas para chegar ao mercado ___ 19.3. Capacidade de fornecer regularmente ___ 19.4. Outro (especifique) _____

20. Que achas ter melhorado na produção ou comercialização nos últimos 3 anos mediante o desarmamento das tarifas?

22. Na tua opinião o que gostaria que fosse feito para melhorar a participação dos nossos produtos ao nível da região?

Muito Obrigado

Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal

Ficha de inquérito ao importador de hortícolas para a percepção dos impactos da redução das tarifas de importação das hortícolas na sua produção e comercialização

1. Nome _____
2. Sexo 2.1. Masculino ___ 2.2. ___ feminino
3. Idade ___
4. Hortícolas que comercializadas? 4.1. Tomate ___ 4.2. Cebola ___ 4.3. Cenoura ___ 4.4. Repolho ___ 4.5. Pimenta ___ 4.6. Batata ___ 4.7 Outros (especifique) _____
5. Proveniência das hortícolas? 5.1 Nacionais ___ 5.2 importadas ___ (de onde?)
6. A quem vende os produtos?
6.1. Consumidores ___ 6.2. intermediários ___ 6.3. grossista ___ 6.4. estabelecimentos comerciais ___ 6.5. Outros (especifique) _____
7. Conhecimento sobre a livre circulação de produtos ao longo da região da SADC. 7.1. Ouviu falar ___ 7.2. Nunca ouviu falar ___
8. Se já ouviu falar, o que sabe sobre ZCL?

9. Acha que as hortícolas Nacionais conseguem competir com as provenientes da A.S? 9.1. Sim ___ 9.2. Não ___
10. Se sim, em que aspectos?

11. Na tua opinião o que achas ter mudado na Comercialização das hortícolas nos últimos após o início da ZCL?

12. _____ O que achas ser necessário para melhorar a participação das hortícolas nacionais no mercado regional?

